

Vivências ancestrais em áreas degradadas: atuação do Quilombo Ilha Funda no Médio Rio Doce

Maria do Carmo Silva¹

Patrícia Falco Genovez²

Resumo: Esta nota de pesquisa busca levantar algumas considerações sobre o trabalho em desenvolvimento para o mestrado em Gestão Integrada do Território, do qual visamos investigar sobre as vivências no Quilombo Ilha Funda (QIF), localizado a Leste do Estado de Minas Gerais.

Palavras-chave: Saberes agroecológicos; Quilombo Ilha Funda; Rio Doce.

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Gestão Integrada do Território/UNIVALE. Educadora Popular e trabalhadora rural, pertencente ao Quilombo Ilha Funda. Membro da equipe de coordenação do Centro Agroecológico Tamanduá (CAT) e da Comissão das Comunidades Quilombolas do Alto e Médio Rio Doce.

² Doutora em História. Docente do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Gestão Integrada do Território/UNIVALE e pesquisadora do Observatório Interdisciplinar do Território. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9531427794137589> Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4453-7312> E-mail: patricia.genovez@hotmail.com

Vivências ancestrais em áreas degradadas: atuação do Quilombo Ilha Funda no
Médio Rio Doce.
SILVA, M. C;
GENOVEZ, P. F.

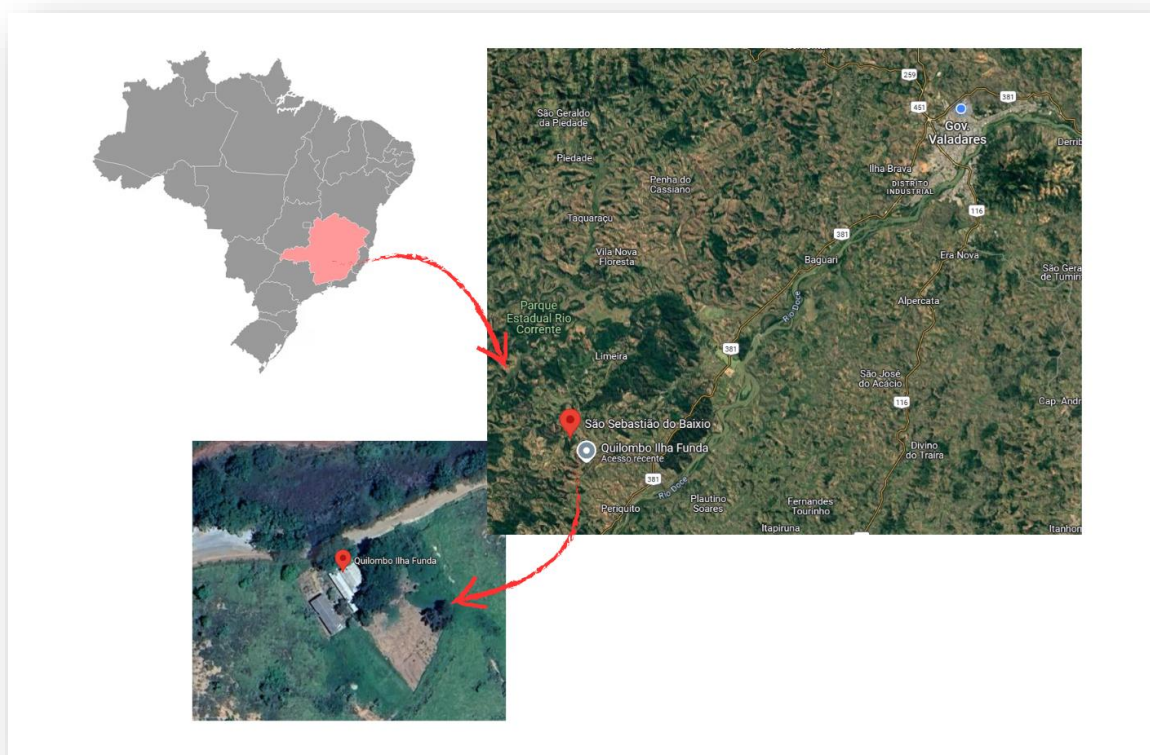
Ancestral experiences in degraded areas: the work of Quilombo Ilha Funda in the Médio Rio Doce

Abstract: This research note seeks to raise some considerations about the work in development for the master's degree in Integrated Territorial Management, which we aim to investigate the experiences in Quilombo Ilha Funda (QIF), located in the East of the State of Minas Gerais.

Keywords: Agroecological knowledge; Ilha Funda Quilombo; Rio Doce.

O Quilombo Ilha Funda (QIF) encontra-se a Leste do Estado de Minas Gerais, no município de Periquito, à margem do Rio Doce (Figura 1). O início de seu processo territorial ocorreu por volta de 1930, quando moradores oriundos de outras regiões ali se estabeleceram em áreas de matas nativas. Portanto, sua origem remete a um remanescente de quilombo, de acordo com os costumes, as histórias e as tradições locais. A comunidade se autodefine como povo quilombola, com reconhecimento enquanto tal pela Fundação Cultural Palmares, em 13 maio de 2019. A Associação Quilombola Ilha Funda foi formada em 2023. Nessa comunidade verifica-se uma variedade de expressões culturais que sustentam experiências significativas sobre a recuperação de áreas degradadas, os cuidados com a vida e a natureza através de vivências e práticas integrativas de saúde e sistemas de produções agroecológicas.

Figura 1 – Localização do Quilombo Ilha Funda (Periquito/MG)



Fonte: Elaboração das autoras.

A região onde se encontra o QIF é historicamente marcada por uma exploração predatória da natureza, com a ocorrência da degradação do solo e o desmatamento devido a prática excessiva de pecuária de forma desordenada aliada a implementação da silvicultura. Elementos que, combinados por conta de um modelo exploratório predatório, acabou sendo intensificado e disseminado pela construção da Estrada de Ferro Vitória-Minas. Diante deste contexto, estabeleceu-se um projeto de pesquisa de mestrado (PPG-Gestão Integrada do Território/UNIVALE) voltado para o levantamento (visto que não há trabalhos publicados) e discussão das expressões culturais, dentre elas, os saberes agroecológicos ancestrais que continuam vigorando entre os quilombolas e passaram a ser aplicados no entorno do QIF com o intuito de modificar uma realidade ambiental dramática em sua região de inserção.

Foi, nesse sentido, que levantamos (por meios documentais e entrevistas estruturadas/semiestruturadas) as práticas de recuperação de áreas degradadas implementadas por essa comunidade quilombola. A pesquisa revelou que o processo se iniciou em 1989 a partir de uma parceria com o Centro Agroecológico Tamanduá (CAT). A comunidade do QIF, por sua formação política e socioambiental, sua historicidade e manutenção das tradições e ancestralidade negra, sempre buscou efetivar um modo de vida que pudesse garantir o equilíbrio, a biodiversidade e o respeito a natureza. Entre 1995-1997, foram registradas as primeiras experiências de Sistema Agroflorestal (SAF) que, posteriormente, a partir dos anos 2000, passou a ser efetivado em vários municípios no Vale do Rio Doce com a atuação do grupo Agricultores Experimentadores e Monitores em Sistemas Agroflorestais (AEMSAS), em estreita articulação e participação efetiva de membros da comunidade quilombola.

Este grupo, composto por técnicos do CAT, a comunidade quilombola, pequenos agricultores e professores da Universidade Vale do Rio Doce (UNIVALE)

definiram indicadores para monitoramento e sistematização dos sistemas agroflorestais, em 2001. Essa definição teve origem em um seminário realizado no QIF. A experiência, iniciada a quase 25 anos, fez parte do Projeto Formação Agroflorestal em Rede na Mata Atlântica (à época com financiamento do Fundo Nacional de Meio Ambiente) e promoveu o resgate de sementes crioulas, mudas nativas, espontâneas; assim como, aquelas mudas introduzidas. Até hoje, a prática permanece e articula mais de 15 entidades por meio da Articulação Mineira de Agroecologia (AMA) com intervenções de reparação em áreas de degradações ambientais.

Outro ponto de destaque do projeto são as orientações do uso da água nesse amplo território degradado, com ações de recuperação da microbacia do córrego Ilha Funda. Assim, a recuperação de áreas degradadas, deu-se com a intervenção de plantios diversificados nos topos de morros, na mata ciliar e nascentes a partir da produção de viveiros de mudas frutíferas nativas e medicinais; além de ações de melhorias dos quintais através do plantio de leguminosas. Essas ações além de preservar o ambiente, ampliaram a renda e repercutiram na qualidade de vida dos pequenos agricultores.

Para realização destas ações, destaca-se a realização de intercâmbio para conhecimento de experiências agroecológicas e os mutirões entre comunidades com iniciativas em SAFs. Em suma, essa pesquisa revelou que as experiências em Agroecologia são parte do cotidiano vivido pela comunidade do QIF. Esse modo de viver é, comprovadamente, uma alternativa para a agricultura familiar, garantindo a segurança alimentar e nutricional. Além disso, contribui para a qualidade e permanência da água no território promovendo a permanência das comunidades em seus territórios num consistente movimento descolonial de (re)existência!

Notas

¹ HAESBAERT, Rogério. **Território e descolonialidade:** sobre o giro (multi)territorial/de(s)colonial na “América Latina”. Buenos Aires: CLACSO, 2021.

Referências

HAESBAERT, Rogério. **Território e descolonialidade:** sobre o giro (multi)territorial/de(s)colonial na “América Latina”. Buenos Aires: CLACSO, 2021.

Recebido: 10/07/2024

Aprovado: 25/11/2024

Publicado: 31/03/2025